



EIXO TEMÁTICO:
Compartilhamento da Informação e do Conhecimento

BIBLIOTERAPIA E A MEDIAÇÃO DE TEXTOS NA ESCOLA E NO CONSULTÓRIO

Meire Barra Rosa Reis e-mail - meirebarrareis@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo o relato de experiências em utilizar diferentes textos como recurso terapêutico para o processo de desenvolvimento pessoal, educacional e clínico. Embora a biblioterapia seja um tema pouco difundido no Brasil e uma atividade que ainda está se consolidando em nosso país, sabe-se que surgiu na América do Norte, no início do século XIX. Apresenta os componentes biblioterapêuticos que são seis: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção. A base metodológica desse trabalho é a qualitativa e tem como instrumento de registro de dados o *diário de campo*. Conclui-se que a biblioterapia é uma ferramenta que pode ser usada no tratamento terapêutico para: aliviar o estresse, lidar com sentimentos de raiva, frustração, solidão, tristeza, medo; promover a conversa em grupo sobre diferentes problemas, tendo a possibilidade de aumentar a autoestima.

Palavras-Chave: Terapia e Literatura. Biblioterapia. Processo de Cura.

Abstract: This article aims at the account of experiences in using different texts as a therapeutic resource for the process of personal development, educational and clinical. Although bibliotherapy is somewhat widespread theme in Brazil and an activity that is still consolidating in our country, it is known that emerged in North America in the early nineteenth century. Bibliotherapy has six components: catharsis; the humor; the identification; introjection; the projection and introspection. The methodological basis of this study is qualitative and its data logging instrument field diary. It is concluded that the Bibliotherapy is a tool that can be used in therapeutic treatment to: relieve stress, deal with feelings of anger, frustration, loneliness, sadness, fear; promote group conversation about different problems, having the ability to increase self-esteem.

Keywords: Therapy and Literature. Bibliotherapy. Healing Process.

1 INTRODUÇÃO

Os rumos da vida humana são, na maioria das vezes, traçados, mas nem sempre temos a lucidez ou a real noção do que “causamos” na vida dos outros, seja de positivo ou negativo. Não estamos usando aqui a palavra causar no sentido dos atuais adolescentes que é ficar visível, mas na concepção da mediação pedagógica, isto é, a interferência planejada ou espontânea na vida do outro; nesse caso daqueles que se encontram no período escolar. Também trabalhamos com mediação emocional, apoiando os indivíduos em suas “[...] relações com as demais

pessoas, através dos seus elementos comunicativos, e são elas fundamentais na formação do nosso psiquismo, em suas categorias: consciência, atividade, afetividade e identidade.” (LANE, 1997, p.18-19 apud BAPTISTA, 2006, p.52).

Nossos primeiros passos na prática de cura ou orientação psicológica por meio de textos aconteceram de maneira natural, melhor dizendo, quando notamos estávamos física e emocionalmente envolvidos; porém somente há pouco tempo descobrimos a palavra – biblioterapia. Então a biblioterapia não era uma novidade, talvez como pesquisa sim, mas como prática, nem um pouco.

Na prática estávamos fazendo esse gênero de terapia, mesmo sem denominá-la, então decidimos investigar na área de Psicologia, Psicopedagogia e Biblioteconomia o que os pesquisadores estão pensando a respeito desse assunto. Ouaknin (1996, p.27), por exemplo, alerta que: “quanto mais longe retomarmos na História, mais encontraremos esta intuição da virtude terapêutica do livro e da narrativa”.

Nesse sentido, questionamos o que é biblioterapia? O termo biblioterapia como o próprio nome sugere é a utilização de livros, frases, trechos etc; como instrumento terapêutico. *Biblion* - vem do grego - que designa todo material de leitura; e *therapein* - significa tratamento ou restabelecimento da saúde.

A biblioterapia pode ser utilizada em prisões, hospitais, asilos, clínicas etc, mas nesse trabalho relatamos experiências acontecidas tanto na clínica quanto na escola; com essa atitude pretendemos manter diálogo com diferentes profissionais envolvidos com essa temática.

2 BIBLIOTERAPIA: ALGUMAS DEFINIÇÕES

Para Ouaknin (1996, p.11-12) “A palavra ‘biblioterapia’ é composta de dois termos de origem grega, *Biblio* e *Terapéia*, ‘livro’ e ‘terapia’. Deste modo, a ‘biblioterapia’ é a ‘terapia por meio de livros”.

A biblioterapia é um processo de cuidar dos indivíduos por intermédio da leitura de livros, frases e trechos de diversos gêneros textuais. Ela contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional.

A leitura de textos ficcionais, especialmente, aqueles com linguagem metafórica, possibilita às crianças, deslizarem com segurança nos dramas e conflitos

dos personagens, e assim aprenderem a lidar com seus próprios conflitos. A isso se dá o nome de biblioterapia (CALDIN, 2010, p.12).

Pereira (1996, p.57) afirma que a biblioterapia não se restringe apenas a um tipo, podendo ser classificada em: Biblioterapia Institucional, Clínica e Desenvolvimental.

A Biblioterapia Institucional era utilizada com pessoas com problemas mentais, podendo ser realizada por bibliotecários em parceria com profissionais da área médica. “A meta é principalmente informativa e recreativa [...]” (PEREIRA, 1996, p.57). A autora afirma ainda que esse tipo “[...] não prevalece hoje, mas alguns programas semelhantes ainda existem.” (PEREIRA, 1996, p.57).

Quanto a Biblioterapia Clínica, utiliza obras “imaginativas”, podendo ser realizada em “[...] um instituto ou uma comunidade, objetivando uma possível mudança no comportamento.” (PEREIRA, 1996, p.58). Esse é o gênero de biblioterapia que mais nos identificamos, pois se encaixa no nosso fazer cotidiano, na clínica e na escola.

Ao abordar a Biblioterapia Desenvolvimental a autora afirma que “[...] pode ajudar pessoas em tarefas comuns, além de ajudá-las a suportar problemas individuais como divórcio, gravidez, morte e preconceitos [...]” (PEREIRA, 1996, p.58).

No decorrer de nossas vidas, desde os primeiros anos, somos influenciados constantemente por pessoas e situações que experimentamos em nosso dia a dia. Disso resultam nossas percepções do mundo, ou seja, o significado que damos para as diferentes situações ou o modo como interpretamos nossas crenças! As crenças surgem e se estruturam geralmente na primeira infância.

Porém, nem sempre essas percepções correspondem à realidade e uma vez cristalizadas podem se tornarem bastantes nocivas em nossas vidas e nos impedir, em algumas situações, de obtermos o que queremos. Isso por acreditar que não somos capazes de realizar determinada tarefa ou enfrentar alguma situação, causando dor e sofrimento. Na nossa percepção, as práticas biblioterápicas, representam uma possibilidade de que essas crenças sejam desconstruídas.

Na biblioterapia a leitura vai além do sentido de entretenimento, pois além de propiciar momentos de prazer, permite ao leitor se identificar com os personagens, situações e externar emoções diversas. Nela a leitura é utilizada também como

atividade lúdica, como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou psíquica.

O método biblioterapêutico consiste em identificar aquilo que está cristalizado, onde o indivíduo está aprisionado, seja por um fato ocorrido, seja por uma crença adquirida e que o tenha acorrentado.

Para Caldin (2001, p.37-39) os componentes biblioterapêuticos são cinco: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e introspecção. Segundo Lucas, Caldin e Silva (2006, p.402) o que se pretende alcançar com todos esses componentes biblioterapêuticos? Quais são os objetivos da leitura com possibilidades terapêuticas? Pode-se listar, entre outros, os seguintes objetivos: proporcionar a catarse; favorecer a identificação com as personagens; possibilitar a introjeção e a projeção; conduzir ao riso; aliviar as tensões diárias; diminuir o stress; facilitar a socialização; estimular a criatividade; diminuir a timidez; ajudar no usufruto da experiência vicária; criar um universo independente da vida cotidiana; experimentar sentimentos e emoções em segurança; auxiliar a lidar com sentimentos como a raiva ou a frustração; mostrar que os problemas são universais e é preciso aprender a lidar com eles; facilitar a comunicação; auxiliar na adaptação à vida hospitalar, escolar, prisional etc.; desenvolver a maturidade; manter a saúde mental; conhecer melhor a si mesmo; entender (e tolerar) as reações dos outros; verbalizar e exteriorizar os problemas; afastar a sensação de isolamento; estimular novos interesses; provocar a liberação dos processos inconscientes; clarificar as dificuldades individuais; aumentar a autoestima. Ou seja, a prática biblioterapêutica pode resultar na pacificação das emoções.

Trabalhamos como psicóloga clínica e escolar há 15 anos e fazemos uso de um programa de atividades devidamente selecionadas, envolvendo materiais de leitura, tais como livros, textos, poemas e outros que trouxeram resultados surpreendentes, tanto na clínica como na escola. São essas experiências que objetivamos compartilhar.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A nossa inexperiência no campo da pesquisa científica, visto que, atuamos há 15 anos diretamente no ambiente clínico e escolar, nos leva a fazer uma escolha intuitiva do método dessa investigação. Evidentemente que esse relato de

experiência é menos uma investigação científica e mais um diário de bordo de uma psicóloga.

No entanto, é possível afirmar que o foco desse trabalho é qualitativo e, para compreendê-lo melhor, nos reportamos à área de saúde quando Fontanella et al. (2011, p.277) evidenciam a seguinte informação histórica: “Os métodos qualitativos de pesquisa se desenvolveram a partir do início do século 20, sobretudo com as contribuições da antropologia cultural, fenomenologia e psicanálise.” Além disso, os mesmos autores revelam também que

[...] as pesquisas qualitativas começam a ser progressivamente valorizadas como um meio de compreender o que se passa com os usuários dos sistemas de saúde, seus familiares e seus cuidadores formais. Atualmente não parece haver oposição à ideia de que um tratamento científico adequado aos ‘significados’ psicoculturais do processo saúde-doença-cuidado é de interesse ao setor saúde (FONTANELLA et al., 2011, p. 277).

Além disso, na pesquisa qualitativa há uma tendência em se enfatizar o que é subjetivo, isto é, busca-se um meio de interpretar experiências, dessa forma também utilizamos o método empírico, visto que tem origem no conhecimento de mundo, tanto do paciente/aluno, quanto do profissional que faz a mediação emocional.

Como instrumento de registro de dados, optamos pelo *diário de campo*, que segundo Triviños (1987, p.154) é uma maneira de anotar “[...] todas as observações e reflexões que realizamos sobre expressões verbais e ações dos sujeitos, descrevendo-as [...]”, utilizando-as para estudos críticos e trocas com demais profissionais.

4 EXPERIÊNCIAS NA ESCOLA

Vale destacar que as experiências relatadas a seguir ocorreram em uma escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental de Londrina. Nesta Escola exercemos a função de diretora educacional e nela abordamos as problemáticas relacionadas às questões educacionais, ao processo de ensino-aprendizagem de crianças e adolescentes e ao desenvolvimento pessoal, em atividades como: planejamento curricular, formação de professores, contato com a família, orientação de alunos e organização do espaço educacional, entre outras.

O projeto denominado “*Textos de Sexta feira*”, foi idealizado com a finalidade de criar um espaço que proporcionassem aos pais, um momento de reflexão a respeito de temas diversos, especialmente, aqueles voltados ao desenvolvimento infantil. As publicações dos textos eram semanais, todas as sextas-feiras, (Textos de Sexta-feira como ficou conhecido entre os pais) e faziam parte do projeto “Escola para pais”.

Esse projeto também incluía reuniões periódicas com pais de alunos. Nessas reuniões mensais eram tratados os temas elencados e outros que emergiam das necessidades do grupo, naquele momento. Dúvidas, temores e angústias que afligem o dia a dia dos pais com relação à educação de seus filhos. Nunca houve a pretensão de propor fórmulas mágicas de educação, muito menos ensinar ninguém a educar filhos, mas sim, promover a reflexão. Este projeto teve início em 2005 e permaneceu por seis anos.

4.1 AULAS DE VALORES

Outra atividade realizada foram as *Aulas de Valores*, nestas aulas eram utilizadas dinâmicas de grupo, geralmente aquelas com histórias, contos, poemas, que tinham como objetivo - abordar questões comportamentais, conflitos, valores etc., isto é, angústias que permeiam os relacionamentos e as aflições no cotidiano escolar e familiar. Desencadeando uma tomada de consciência de que faz parte de um grupo como um ser social com direitos, deveres e limites.

Este projeto se caracteriza por oferecer um trabalho pedagógico rico em experiências e vivências e tem como objetivo o desenvolvimento de habilidades relacionadas a um dos *Quatro Pilares Básicos da Educação*¹: Aprender a conviver. Estes pilares são conceitos fundamentais para a educação e estão contidos no *Relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*, coordenado por Jacques Delors e enviado à Unesco.

Delors (2010) relata que a Comissão responsável por elaborar o Relatório, não desconsidera os outros pilares, entretanto, confere relevância e delineou como a base da educação o: “Aprender a conviver” por acreditar que a Educação deve estruturar-se em torno, especialmente, deste aprendizado, desenvolvendo a

¹ Os outros pilares da Educação são: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a ser.

compreensão do outro e a percepção das interdependências. – por meio de projetos comuns e gerenciando conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.

Tais pilares são considerados fundamentais, pois, ao longo da vida de cada pessoa, se tornarão os pilares de seus conhecimentos.

4.2 REUNIÕES PEDAGÓGICAS

Nas reuniões pedagógicas realizadas quinzenalmente, o objetivo é a formação profissional, promover o alívio de tensões, aumentar a autoestima, confraternizar o grupo e diminuir o *stress*. Para demonstrar o gênero de texto utilizado nessas reuniões, incluimos a seguir um deles.

O Rei e o Sábio

Era uma vez... Um rei que morava num grande castelo.

Um dia, levantou-se apavorado. Havia tido um sonho terrível no qual teria perdido de uma só vez todos os dentes. Preocupado, ordenou:

- Chame o meu melhor sábio.

Em poucos minutos, lá estava o sábio diante do rei. Após contar-lhe o sonho terrível, ordenou-lhe:

- Diga-me, sábio, o que significa esse meu sonho?

O sábio pensou... pensou... pensou... e, virando-se para o rei, disse-lhe:

- Majestade, vai acontecer uma desgraça na sua família. Uma doença terrível vai invadir o castelo e morrerá o mesmo número de parentes tanto quanto for o número de dentes perdidos em seu sonho.

O rei, furioso, ordenou ao seu comandante da guarda que amarrasse o sábio no toco e lhe desferisse cem chibatadas diante de todos os súditos.

- Chame outro sábio, este é um idiota – ordenou aos gritos.

Logo, logo, lá estava o outro sábio diante do rei. Contando-lhe todo o sonho terrível, ordenou-lhe:

- Diga-me, sábio, o que significa esse sonho?

O sábio pensou... pensou... pensou... e, olhando nos olhos do rei deu um sorriso largo, disse:

- Vossa Majestade é realmente um iluminado, um protegido por Deus. O número de dentes que sonhou perder será o mesmo número de familiares que morrerão vítimas de uma doença terrível. Mas, apesar de toda a desgraça do castelo, Vossa Alteza irá sobreviver são e salvo.

O rei, feliz da vida, ordenou que lhe entregassem cem moedas de ouro.

Quando este saía do palácio, um dos cortesãos lhe disse admirado:

- Não é possível! A interpretação que você fez foi à mesma que o seu colega havia feito. Não entendo porque ao primeiro ele puniu com cem chibatadas e a você ele recompensou com cem moedas de ouro.

- Lembra-te meu amigo – respondeu o adivinho – que tudo depende da maneira de dizer. Um dos grandes desafios da humanidade é aprender a arte de comunicar-se com sucesso. Da comunicação depende, muitas vezes, a felicidade ou a desgraça, a paz ou a guerra.

Nessa atividade apontamos como resultado positivo, o fato de que estes textos promovem um espaço para o diálogo, onde é possível expressar as angústias, receios, fantasias, anseios e conflitos.

A leitura pública e oral de textos também é uma forma de biblioterapia, evidente que para isso o texto deva ser minuciosamente selecionado. Ela pode acontecer de três maneiras: solitária, compartilhada ou em grupo.

A leitura solitária permite uma conversação com o autor e consigo mesmo, à medida que avançamos na leitura novos compartimentos vão se abrindo dentro de nós. Ela promove diálogos, quando lemos um livro, podemos parar em um trecho por um tempo, pois é necessário considerar o tempo interno do leitor.

A leitura compartilhada, com fins terapêuticos, é acompanhada por um profissional, podendo ser realizada por psicólogos, psicopedagogos, biblioterapeuta.² Ela provoca uma multiplicidade de interpretações e, conseqüentemente, uma ampliação de ideias, nos leva a enxergar a partir de uma perspectiva diferente. Nosso horizonte é ampliado e então, mudamos.

No contexto da leitura em grupo, o envolvimento com diferentes tipos de textos literários, amplia a visão das pessoas, por meio da interação entre elas, levando-as a expressarem seus sentimentos. Ao partilhar seus problemas, há uma troca de experiências e valores.

5 EXPERIÊNCIAS NO CONSULTÓRIO

No consultório o objetivo é justamente tocar a ferida, o texto escolhido acaba provocando dor, angústia, alegria, entusiasmo; mexe naquilo que está cristalizado, ampliando a perspectiva de esperança e, em consequência disso trabalha a autoestima.

As experiências da clínica abarcam as ações com indivíduos com problemas, entre eles: transtorno de *déficit* de atenção e hiperatividade (TDAH), síndrome do pânico, dificuldade de aprendizagem e adolescentes e jovens com desvio de

² Atualmente, no Brasil, bibliotecários têm participado de equipes multidisciplinares desenvolvendo práticas biblioterapêuticas. Além disso, essa temática tem sido foco de pesquisa em diferentes cursos, na Universidade Estadual de Londrina, a profa. Sueli Bortolin, nos últimos anos, orientou 05 Trabalhos de Conclusão do Curso de alunos de Biblioteconomia, fomos banca de um desses trabalhos.

comportamento social. A seguir relatamos uma experiência marcante profissionalmente.

Na mesma época em que começamos a trabalhar com os textos na escola, recebemos no consultório um menino do 5º ano, com queixa de TDAH e dificuldades escolares. Depois de algum tempo trabalhando com ele a importância de pensar nas consequências de seus atos e com poucos resultados, resolvemos trabalhar as dificuldades escolares com atividades de jogos de matemática e português. Nas atividades de português utilizamos histórias do *Livro Virtudes*, da editora Nova Fronteira. Com ele realizamos leitura, contação de histórias, atividades lúdicas, interpretação e produção textual. O objetivo era fazer com que o menino se assemelhasse com o personagem da história e levasse esta experiência para o seu convívio social e escolar. A partir daí começamos a perceber que as queixas trazidas tanto pela escola como pelos pais diminuíram. Houve melhoras significativas no relacionamento social, autoestima e no desempenho escolar. Estas histórias, poemas, fábulas, ilustram exatamente, as virtudes universais necessárias à formação moral e ética de qualquer pessoa.

Como exemplo, citamos o Projeto *Manhã de leitura afetuosa: um programa biblioterápico com crianças com perfil do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH)* realizado na Escola Municipal de Formiga - MG. Esse Projeto, segundo Fonseca, Rodrigues e Borges (2012) utilizou a contação de histórias e atividades lúdicas, entre elas, oficina de criatividade, passeio e brincadeira, como método de terapia. A avaliação dos autores é que o Projeto melhorou o gosto pela leitura, a motivação, a comunicação e a autoestima. Vale destacar que TDAH, implica em uma desordem de comportamentos diferenciados da vida social, emocional, escolar e familiar do portador.

Outra vivência profissional que avaliamos que deva ser partilhada foi com uma criança com Síndrome de Pânico. Trata-se de uma menina de oito anos em uma condição medicamentosa, que com o atendimento e a medicação as crises foram diminuindo, mas que persistia a ansiedade. Tinha medo de ir para a escola e de dormir na casa de parentes e amigos, ela não conseguia falar sobre o assunto. Um dia percebemos nela um grande interesse em uma coleção de livros que estava no consultório e que tratava das diferentes emoções: medo, raiva, amor etc. Observamos que em contato com estes livros ela conseguia expressar seus medos

e suas fantasias de separação e isso permitiu que acessasse conflitos que, até então, eram extremamente ameaçadores.

Segundo Caldin (2010), a linguagem metafórica permite às crianças deslizarem com segurança nos dramas e conflitos dos personagens, e assim aprender a lidar com seus próprios conflitos. A autora destaca ainda que ela, a linguagem metafórica, torna-se um remédio poderoso porque não há ameaça, não há cobrança.

A dislexia também faz parte de nossas experiências, há mais de dois anos recebemos no consultório uma jovem com 23 anos, que aos oito foi diagnosticada com dislexia (dificuldade em associar o símbolo gráfico e as letras ao som que eles representam). Este diagnóstico, embora considerado incorreto posteriormente, acompanhou essa garota por 15 anos e desenvolveu nela um sentimento de incapacidade, isto é, acreditando realmente que não era capaz de ter uma vida normal. Um texto, o laudo neurológico de dislexia, foi lido e discutido nos nossos encontros, nele confrontamos palavra por palavra, redigimos outro texto e a partir daí reescrevemos sua história.

Outras experiências de atendimento biblioterápico são realizadas, tanto na escola, quanto na clínica, alguns de forma tão natural e espontânea (por parte de terapeuta ou por iniciativa do aluno/paciente quando apresenta um texto) que acabam se misturando as relações corriqueiras. A maioria delas evidencia a presença de uma diversidade de textos na vida das pessoas; portanto nunca se deve diminuir a importância de um livro, um filme, um caso, uma narrativa de vida, pois se elas estão presentes na memória, tem algo a dizer, tem algum significado.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho abordamos a viabilização do uso de múltiplos textos como recurso terapêutico no tratamento de crianças com diferentes queixas e a mediação no ambiente escolar. A proposta sugere uma alternativa a mais na tentativa de prevenção e tratamento dos mais diversos conflitos e sua prática apresenta condições ideais para ser exercitadas em ambiente escolar, clínico, hospitalar e outros.

Em função da sua multidisciplinaridade, as atividades biblioterápicas podem-se desenrolar em trabalhos conjunto com outros profissionais, desde que habilitados.

O que nos faz acreditar na eficácia deste método consiste no fato de que o trabalho com estes textos promovem um espaço, um diálogo, em que é possível mudar a percepção do aluno/paciente com relação à suas crenças, pensamentos, sentimentos e comportamentos.

A importância das atividades biblioterápicas reside ainda na possibilidade de nos aproximarmos dos conflitos, sem nos sentirmos ameaçados e sermos conduzidos a refletir e analisar esses conflitos sob outra ótica. Esse processo atravessa diferentes etapas, desde o momento que o leitor é seduzido pelo texto, ou seja, envolvido pela história, percorrer um caminho até alcançar a catarse e o insight.

Indiscutivelmente as ações biblioterápicas são experiências fascinantes!

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, R. R. **A mediação emocional na constituição de um grupo comunitário**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.vigotski.net/ditebras/batista.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- CALDIN, C. F. **Biblioterapia: um cuidado com o ser**. São Paulo: Porto de Idéias, 2010.
- CALDIN, C. F. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.12, p.32-44, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-924.2001v6n12p32/5200>>. Acesso em: 15 mar. 2016.
- DELORS, J. (Coord.). **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Brasília,DF: UNESCO, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2016.
- FONSECA, T. DE F. G.; RODRIGUES, I. F.; BORGES, S. C. G. Manhã de leitura afetuosa: um programa biblioterápico com crianças com perfil do transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em escola municipal de Formiga-MG. **Conexão Ciência (on line)**, Formiga [MG], v.7, n.2, p.74-87, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uniformg.edu.br:21011/periodicos/index.php/testeconexaociencia/article/view/158/178>>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- FONTANELLA, B. J. B. et al. Iniciação científica com pesquisas qualitativas: relato da experiência de um grupo de professores e alunos de Medicina. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Florianópolis, v.6, n.21, p.275-282, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.rbmf.org.br/rbmfc/article/viewFile>>.

/411/374>. Acesso em: 15 mar. 2016.

LUCAS, E. R. de O.; CALDIN, C. F.; SILVA, P. V. P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.11, n.3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a08v11n3>>. Acesso em: 11 fev. 2016..

OUAKNIN, M. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em Bibliotecas Públicas. João Pessoa: Editora Universitária, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.